

«VIVO QUER DIZER PRESENTE»

Lição* - 2

Depois do Tríduo e à luz do caminho destas semanas:

- O que significa para mim, nestes tempos, enfrentar a batalha contra o nada?

- O que quer dizer «ser livre» na realidade quotidiana? O que me diz a minha experiência?

- Há na minha vida pessoas e relações que me geram, lugares onde vejo a vitória da vida sobre a morte?



Foto Luigi Ghirri, Caserta, 1987. Da série *Un piede nell'Eden*.
© Herdeiros de Luigi Ghirri.

*Al mattino*¹

Para quem encontrau o Senhor, a manhã é o início do dia, mas não apenas em sentido cronológico: é o início da busca para O poder encontrar mais uma vez, como o amigo mais precioso da própria vida. Este é o motivo pelo qual rezamos o *Angelus*, fazendo memória do encontro que fizemos e pedindo para O poder reencontrar. Rezaremos depois as laudes, que são aquele gesto de cuidado que a Igreja tem para conosco quando, no início do dia, não saberíamos o que dizer, não teríamos palavras par exprimir o nosso “começar”, e como uma mãe ensina ao seu filho as palavras, as primeiras palavras da sua vida, assim a Igreja, no início do nosso dia, nos ensina as primeiras palavras da nossa aventura: o pedido para que Deus venha salvar-nos.

«Esta é a vida eterna: que te conheçam» (Jo 17,3)

por **Andrea Mencarelli**

*Non son sincera*²

1. «A minha alma está triste» (Mc 14,34)

Bom dia a todos! Bem acordados? Rezámos nas Laudes com esta frase: «Ainda não resististes até ao sangue na vossa luta contra o pecado»,³ que é uma expressão duma força incrível, mas que nos recorda que a vida está viva e que cada manhã, cada início, é uma »

¹ A. Mascagni, «Al mattino», em *Livro de Cantos - CL Brasil* 2015, p. 315.

² A. Mascagni, «Non son sincera», em *Cantos*, op. cit., p. 351.

³ Cf. *Vivo, quer dizer presente*, p. 5 do livrinho do Tríduo dos Liceus de 2021, no site *clonline.org*

* A lição de Andrea Mencarelli no Tríduo pascal dos Liceus, na Sexta-feira Santa (2 de abril de 2021).

» luta para que a vida vença sobre o nada. O encontro que fizemos, com a intuição positiva que tem dentro de si, não é uma vacina que automaticamente nos protege de tudo e resolve tudo. A realidade, com efeito, continua a bater-nos à porta e bate às vezes com força, e todos os dias nos coloca problemas, desafios, perguntas, questões.

Há um site que se chama *WikiHow*, que oferece respostas para todas as perguntas. Até podem ir ver (não agora, evidentemente): basta digitar qualquer pergunta, e ele responde, oferece soluções. Um pouco como a Siri, mas mais enciclopédico: tu digitas e são-te oferecidos resultados. Podemos perguntar tudo, até as coisas mais bizarras: podemos perguntar como cortar lenha, como construir uma bomba, podemos perguntar como se convencer as pessoas da própria imortalidade. Mas para os mais astutos, é possível pedir diretamente um método para resolver qualquer problema, o que é como que adquirir uma “gramática” para a vida. Eu fui procurar exatamente isso e a primeira resposta que apareceu sugere quatro pontos: 1) delimitar o problema, 2) estabelecer os teus objetivos, 3) analisar as variáveis e 4) agir. Provavelmente já nos disseram algo parecido na escola, numa aula sobre método, sobre o que fazer para resolver um problema de matemática ou uma retroversão de latim. Este método pode ser eficaz se partirmos da ideia de que os problemas são, em primeiro lugar, uma coisa para resolver e, por isso, são também uma oportunidade para mostrar a nós mesmos e aos outros as nossas habilidades e capacidades resolutivas. Deste ponto de vista, não tem nada de mal, evidentemente, se se tratar dum problema específico da vida, como pendurar um quadro, montar uma mesinha ou produzir uma vacina em laboratório. Mas, se em vez disso, o problema for a própria vida, como é que se faz?

Provavelmente, não é a primeira vez que ouvimos falar – talvez nalgum *raggio*, ou a algum amigo mais velho – dum método tão simples para enfrentar as questões da vida, a questão que é a própria vida: partir da experiência, olhar para a nossa experiência.

Os desafios que nos provocam, com efeito, não nos pedem, antes de mais, para demonstrarmos que sabemos fazer alguma coisa; não é um teste às nossas habilidades.

A realidade assemelha-se mais a uma «assistência»: quem joga futebol ou pratica desporto, sabe que a jogada mais bonita que pode acontecer num jogo não é a bicicleta, nem o chute de calcanhar, mas a assistência, o «lançamento em profundidade». Para quem se lembra da vitória recente do Inter sobre a Juve, o golo de Barella nasce duma assistência: Bastoni (um colega seu) faz um lançamento de 60 metros partindo do meio campo (abriu-se uma passagem, como a Moisés no Mar Vermelho) que atravessou o campo todo, chega ao seu colega, que marca golo! Fantástico! Mas a assistência é muito mais bonita do que o golo. Pois bem, a realidade é como uma assistência contínua, um “lançamento” permanente que nos é oferecido. Não é um chute aleatório em frente, esperando que alguém consiga apanhar a bola; a realidade vem ao teu encontro e é-te servida no teu pé dum modo absolutamente pessoal. O que é que acontece quando recebemos uma assistência (um encontro, um facto, uma intuição, uma prova)? Acontece que nós podemos tomar consciência de nós mesmos, dando-nos conta de quem somos, onde estamos – não de quem “pensamos ser”, exibindo sabe-se lá que talento futebolístico –, a partir do momento que estamos a viver. Nesse instante, é como se a habitual divisão fosse vencida; não há um eu “privado”, que deve ser reservado a nós mesmos ou aos poucos íntimos, e um eu “público”, que depois é filtrado e publicado no Instagram. Com efeito, quando a realidade nos conduz, nos desafia, para o melhor e para o pior, nos coloca problemas, nos coloca perguntas e nos obriga a mudar de hábitos, faz vir ao de cima o nosso eu autêntico, o nosso eu integral. Por isso, o ponto incandescente de qualquer desafio, de qualquer partida, não está fora de nós, mas acima de tudo dentro de nós.

Um grande amigo nosso, *don* Giussani (o amigo citado também pelo Carrón ontem à noite), uma vez usou uma expressão tão bonita quanto revolucionária, que vos convido a levar seriamente em consideração: «A solução dos problemas que a vida nos coloca todos os dias “não vem diretamente de enfrentar os problemas, mas de aprofundar a natureza do sujeito »

» que os enfrenta”». ⁴ Seria necessário ter um *slide* com isto para o aprendermos de cor! Referindo-se a esta passagem, o Carrón comentava: «Isto é, aprofundando a natureza do eu, a natureza do próprio desejo. Não está a dizer uma banalidade, porque só se o eu se der conta de si mesmo até este nível, é que poderá libertar-se de todas as supostas soluções e estupidezes que tem na cabeça, como nos acontece também a nós». ⁵ Esta manhã, veremos melhor o significa esta expressão de *don* Giussani.

O que é que se encontra no fundo do nosso «eu»?

Fiquei muito impressionado com alguns jovens que intervieram numa assembleia nossa recentemente, que tinha como tema as perguntas e as descobertas amadurecidas este ano. Um contava a sua tentativa de procurar a felicidade no estudo: visto que as relações com os amigos são limitadas, visto que se pode sair, então vamos fazer da necessidade, virtude; já que podemos estudar, vamos empenhar-nos, vamos encher os dias com estudo! Corajoso, hem?! Este rapaz, porém, chegava à noite e dizia: «Depois dum dia assim, ia para a cama meio vazio. E isso não me fazia ser feliz». Outro descrevia uma espécie de deslizar numa estranha indiferença em relação às coisas, uma apatia que não o deixava sentir nada. Dizia: «Estou triste por não estar triste». O que é um paradoxo, um grande paradoxo! Tanto que bastaria dar-mo-nos conta daquilo que dizemos, levar-mo-nos a sério, como dizíamos ontem à noite, dar-mo-nos conta das sílabas que pronunciamos, para nos apercebermos, na verdade, do fogo de vida que se agita em nós debaixo das cinzas; não importa quantos quilos de cinzas, mas debaixo delas, qualquer coisa continua a agitar-se.

Um dado que surge da experiência destes meses é a presença de pessoas certamente cansadas, como nos contavam os testemunhos de ontem à noite, até áridas ou mesmo tristes... mas seguramente vivas! São «eus» vivos! Não mortos, ainda que no meio da tempestade, da agonia (agonia quer precisamente dizer «combate»).

Os testemunhos, os contributos lidos, mostram que a vida é um caminho dramático, é uma luta (como diziam as Laudes) dentro da qual sentimos todo o peso da contradição e muitas vezes também da distância entre o nosso desejo profundo de sermos felizes, a nossa sede, e o aspeto concreto das coisas, às vezes áridas. Não é uma coisa que vemos apenas numa condição extraordinária como a pandemia (porque nós queixávamo-nos e sentíamos-nos áridos também antes da pandemia!), mas tem a ver com o quotidiano e as suas mil facetas. Pensemos, por exemplo, no afeto que sentimos por uma pessoa (a nossa namorada, ou um nosso amigo querido) e a forma distraída e óbvia com que tantas vezes tratamos esta pessoa; ou olhamos para as coisas à nossa volta que nos apaixonam – o estudo, o desporto, a arte e a música – e a apatia e o tédio que às vezes sentimos em cima, como uma couraça impenetrável que gostaríamos de romper, mas não somos capazes. A vida é realmente uma batalha! Mas não contra o Covid ou o ensino online (que são circunstâncias sintomáticas, passageiras); a batalha é contra o nada, como ontem nos lembrava o Carrón, ou seja, contra aquele «sentimento de vazio cuja consequência é um enfraquecimento da relação com a realidade, com as circunstâncias, que no fim de contas parecem todas insensatas». ⁶ Acabamos assim por nos sentirmos velhos, inertes e resignados talvez já aos 15 anos.

Esta luta não foi poupada nem sequer a Cristo «na noite em que foi traído», como ouvimos repetir várias vezes na missa. Na noite em que Jesus anunciou o dom total de si aos seus amigos («Darei a minha vida por vós») e os convidou a permanecer com Ele, os discípulos não perceberam o que estava realmente a acontecer, a gravidade da situação. O que queria dizer «permanecei comigo»? Já estavam com Ele! Eram os seus amigos, estavam sempre junto »

⁴ L. Giussani citado em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Lisboa 2017, p. 504.

⁵ J. Carrón, «No colapso das evidências, a geração de um sujeito», *Tracce*, n. 12/2014, p. VI.

⁶ J. Carrón, *O brilho dos olhos, O que é que nos arranca do nada?*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, Lisboa 2020, pp. 8-9.

» d'Ele, ouviam-n'O, seguiam-n'O, olhavam-n'O, tentavam aprender com Ele. Para eles, a presença física de Jesus parecia suficiente. Naquela noite Pedro, um tipo impulsivo, enérgico, um *leader* (não fora por acaso que Jesus o tinha escolhido como chefe) renovou a sua promessa de amizade a Jesus: «Ainda que todos fiquem perturbados por tua causa, eu nunca me perturbarei»,⁷ quer dizer, «eu nunca te abandonarei. Os outros sim, mas eu não, podes confiar 100% em mim». Mas precisamente diante desta enérgica afirmação de estima, Jesus responde num tom carregado de dor: «Esta mesma noite, antes de o galo cantar, vais negar-me três vezes».⁸

Mas como é possível – devíamos perguntar-nos – que possa acontecer uma contradição assim? Pedro era sincero; todos estavam sinceramente do lado de Jesus! Até Judas, no início: tinha sido chamado por Jesus, tinha comido com Ele, tinha bebido com Ele, tinha jogado às cartas com Ele, tinha visto os milagres mais clamorosos, tinha vivido milhares de momentos com Jesus fisicamente presente na sua vida. Tinha os olhos repletos de mil factos excepcionais. Mas, com todo este “bem de Deus” (é caso para se dizer!) como é que se pode decair? Como é que é possível decair? Como é que se consegue estar triste depois, se já se encontrou a felicidade da vida, o amor da vida?

Um dia Judas perguntou-se: «Quando é que Jesus irá realmente mudar as coisas tal como eu tenho na cabeça, como eu acho que devem mudar? Quando é que demonstrará realmente a sua força divina e revolucionará a realidade? Quando é que irá acontecer que todas as contradições do mundo – as minhas contradições, a minha fragilidade – serão eliminadas, os inimigos serão punidos e a amizade triunfará?». Parecia, com efeito, que esse momento, naquela forma imaginada, nunca mais chegava e estivesse sempre “à espera de”. E assim, aos poucos, dia a dia, o caruncho começou a minar o coração de Judas. O caruncho não se vê, parece uma coisa sem importância, imperceptível, no entanto, ele trabalha de forma devastadora. Com o tempo, Judas convence-se: «Talvez me tenha enganado, talvez não fosse verdade; aliás, enganei-me mesmo, visto que aqui nada muda».

Ao lado de Jesus estavam também Tiago e João, denominados «filhos do trovão», impetuosos e determinados no seu desejo de seguir Jesus até ao fim na construção do Seu reino. Também em relação a eles, Jesus tinha tido uma atenção especial: não só os tinha chamado a Si, como lhes tinha mostrado sinais particulares da Sua divindade, como quando os quis ter consigo no Monte da Transfiguração, onde revelou a sua natureza resplandecente de Filho de Deus.⁹ Tinham visto a natureza mais profunda de Jesus, junto a Moisés, junto a Elias. Jesus também os quis consigo, quando, agitado, perturbado, foi para o jardim chamado Getsêmani e lhes pediu, a eles e a Pedro (a elite, a nata), para ficarem com Ele e rezarem. Mas enquanto Jesus suava sangue, Tiago, João e Pedro adormeceram umas três vezes. Desarmado, Jesus disse-lhes: «Nem sequer pudesteis vigiar uma hora comigo?».¹⁰

Naquela noite, Jesus disse uma coisa tão humana quanto terrível também para nós: «A minha alma está numa tristeza mortal». Pensem no tormento que Jesus devia estar a viver para dizer uma coisa destas, que solidão, ainda que estivesse rodeado da presença física dos seus amigos (além disso, os amigos eram os amigos que Ele tinha escolhido!).

Há tantas coisas que nos desiludem na vida, que nos magoam, mas talvez a pior de todas é sermos abandonados. Não se trata apenas de estarmos “sozinhos”, com efeito muitas vezes gostamos precisamente de podermos estar sozinhos (como quando uma pessoa, a certa altura do dia, vai para o seu quarto e se fecha e ouve música sozinha, e diz «que bonita», ou quem divide o quarto com um irmão ou uma irmã, e este dorme fora, diz «finalmente o quarto é só para mim, posso ficar um bocadinho sozinho», não é isso!) mas é sentir uma profunda es- »

⁷ Mt 26,33.

⁸ Mt 26,34.

⁹ Cf. Mt 17.

¹⁰ Mt 26,40.

» tranheza em relação à realidade que nos rodeia, que devia ser-nos familiar e não o é. Sentir as coisas, as pessoas, sobretudo as mais amigas, infinitamente distantes. Talvez estejam ali, ao teu lado, ou então atrás duma tela a olhar para ti, mas dentro de ti e à tua volta há como que uma solidão glacial. São Tomás define a tristeza como o «desejo de um bem ausente».¹¹

Jesus não esconde nada da sua humanidade, dizendo aos seus amigos: «Estou triste». Com efeito, acontece haver momentos em que tudo parece deserto e as coisas com as quais enchemos a vida parecem falsas. «Nas minhas mãos só ficou terra queimada, nomes sem um porquê [...]: fica só a triste lembrança de um dia perdido / e talvez a espera de Ti». O desejo distante de um bem ausente. Cantemos juntos «La guerra».¹²

La guerra

2. «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice!» (Lc 22,42)

Toda a vida de Jesus foi um sinal incessante de bem, um ponto luminoso dentro da história da humanidade. Jesus nunca tinha feito nada de mal, ao contrário de nós. Mas isto não significa que todos tenham acolhido automaticamente esta luminosidade de Jesus. Porque a «vida eterna», como Ele a definiu, ou seja, a vida verdadeira, a vida feliz, a vida que o nosso coração deseja, não é uma atualização do sistema operativo, que descarregamos no nosso organismo e depois basta reiniciar e tudo fica resolvido. Imaginem se o Mistério tivesse feito isso: um *download* de poucos minutos, um reiniciar e depois toda a vida segue em frente sem tropeços, com todo o significado e felicidade já lá dentro, descarregada, sem vírus, sem problemas, sem *loop*, sem nada! Mas nem sequer a Jesus foi poupado o caminho, e muito menos Jesus se esquivou do seu caminho.

O que faz o homem diante das contradições? O que fazemos nós quando estamos diante duma contradição? Quando experimentamos a aridez dum dia em que navegamos entre uma ligação e a outra, ativando e desativando a câmara de vídeo? Queríamos poder mudar a realidade. Esta não é uma ideia errada, e também não é um pecado de presunção desejar mudar uma coisa que consideramos difícil. É humano! Mas não o podendo fazer (como nas circunstâncias inevitáveis, como em tantos sacrifícios que nos são pedidos neste período), então podemos colocar-nos a pergunta que tantos de vocês enviaram com os vossos contributos: «Como é que faço para gostar desta situação?».

Respondo com outra pergunta: mas quem é que disse que tens de gostar desta situação? Onde é que isso está escrito? Quem é o “terrorista” que te disse que *deves* gostar da situação? Este ponto é fundamental e deve ficar claro, para não nos atirmos para um pântano e ficarmos a apodrecer lá dentro, sem que ninguém nos tenha pedido isso. Na vida não é tudo igual! Nós fomos feitos para a vida, não temos de refletir muito sobre isso, não temos de perguntar a ninguém, apercebemo-nos disso sozinhos, somos feitos para sermos felizes.

E então? Então, a primeira coisa que podemos fazer é comparar aquilo que temos diante dos olhos com as exigências profundas de felicidade do nosso coração – a isso chama-se «juízo» – e dizer «é para mim», ou então «não é para mim». Quando usamos o nosso coração assim, com esta seriedade, como um detetor, dizia-nos ontem à noite o Carrón, acontece aquilo que Giussani define como «experiência elementar». Então percebe-se bem que o tema não é gostar das coisas que o coração reconhece como “não suas”, mas dar um juízo. Caso contrário, seria como esforçar-se para tentar que nos sirva um sapato cinco números mais pequeno do que o nosso pé. Como é que se faz? Não consegues! Nós não temos de agradecer ao vendedor de sapatos quando os sapatos não nos servem, mas dizemos-lhe: «não me servem!».

Na noite em que foi traído, experimentando o abandono dos seus amigos e intuindo que »

¹¹ São Tomás d’Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 20, art. 1

¹² C. Chieffo, «La guerra», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 291-292.

» em breve todos o abandonariam (os romanos, os amigos e os inimigos) Jesus dá um juízo: «Estou triste. Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice», quer dizer, «se possível, arranca de mim esta dificuldade, elimina esta dor, porque eu não sou feito para a dor». O que há de mais humano do que este grito?

Podem ecoar também em nós as palavras dum autor russo, Vasily Grossman, que parecem quase uma oração com a qual nos podemos identificar: «Que tudo volte a ser como era antes daquela mudança insuportável, que tudo volte a ser hábito, coisa conhecida, e não haja mais vestígios daquela novidade que nos quebra os ossos e nos entra no sangue... ».¹³

3. «...Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22,42)

«O que é que enche o meu coração?» perguntava-se ontem o colega da nossa amiga de Bolonha diante do Zatto, o rapaz gravemente doente de que falávamos. Escavando naquela profunda tristeza que Jesus sentiu, o que havia dentro do seu coração? O que havia no fundo do seu «eu»? Uma presença. A ligação com Outro. Todo o sentimento de Jesus, que explodiu no seu coração naquela noite, que iria chegar até hoje, até ao lenho da cruz, trazia lá dentro o apelo a Outro: «Pai».

Como explica bem uma de vocês, que descreve todos os seus “comodismos”, o aborrecimento em relação aos colegas que vê “bem resolvidos” e o vazio experimentado pelo repetir de palavras rituais. Até que acaba por se perguntar: «Por que é que eu existo?». E comenta assim: «Não era preciso andar às voltas com as palavras para o perceber: sentia-me vazia, chorava porque o meu coração me estava a gritar que não, que não era feliz assim, havia e ainda há as perguntas, não é verdade que tudo seja igual, que não sou capaz de ajuizar a realidade, que sou superficial. Eu tenho um coração que se sentiu correspondido por outro [...], desejo que o meu coração se inflame como naquele dia [...]. Quero sentir-me trepidante, desperta, viva».

Vamos ouvir agora uma canção muito bonita de Adriana Mascagni, «Amica del mistero».

Amica del Mistero

«Nasci amiga do Mistério / assim, não sei falar / a não ser Contigo / assim, não sei pensar / a não ser só em Ti».¹⁴ Não é uma inspiração para poetas, mas a consciência de não poder viver, viver verdadeiramente, sem uma relação grande e real, viva e presente, que abraçe toda a nossa vida.

Jesus testemunhou «não o esforço, mas a filiação [...]». O caminho da plenitude que Cristo ilustra não é o de sermos capazes, mas o de sermos filhos»,¹⁵ escrevia Carrón num livro seu famoso, *O brilho dos olhos*. Esta filiação torna-se visível dentro da realidade, sem descontos, e não fora da realidade, não nos nossos pensamentos. Nós imaginamos muitas vezes Jesus como um dos heróis da Marvel, ou seja, alguém que cavalga a realidade, a sobrevoa, a destrói, a constrói, faz aquilo que quer. Era o que pensava Pedro, o amigo, o leader, a rocha, naquela noite em Getsêmani, quando no meio da aglomeração, desembainha a espada e fere um soldado. Mas Jesus deteve-o. Mas como é que o deteve?! Não queria ele por acaso ajudá-lo?! Deteve-o e ordenou-lhe que depusesse a arma: «Mete a tua espada na bainha [...]. Julgas que não posso recorrer a meu Pai? Ele imediatamente me enviaria mais de doze legiões de anjos!».¹⁶

Mas Jesus também não ficava passivamente resignado às circunstâncias, não se submetia »

¹³ V. Grossman, *Il bene sia con voi!*, Adelphi, Milão 2011, p. 212.

¹⁴ A. Mascagni, «Amica del Mistero», em «Quem és tu, que enches o meu coração com a tua ausência?», livrinho do Tríduo do Liceus de 2018, pp. 44-46, clonline.org

¹⁵ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., p. 112.

¹⁶ Mt 26,52-53.

» a elas. Ele não esconde a sua tristeza – que é o primeiro sintoma do nosso chamamento à felicidade, à vida – e aliás responde quando é interrogado. Como faz diante de Pilatos: «A minha realeza não é deste mundo; se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas – mas era Ele que tinha acabado de dizer a Pedro para não combater!! – [...]. Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade».¹⁷ «Não terias (Pilatos) nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado do Alto».¹⁸

Não era um ingénuo otimismo aquilo que sustentava Jesus naquele momento de provação – como diziam muitos também no primeiro confinamento: «Vai ficar tudo bem!», mas quem é que disse que vai ficar tudo bem? Onde é que está escrito? –, não era um otimismo, mas uma esperança sólida, que é uma coisa bem diferente do otimismo. Como explica bem um famoso teólogo, Jean Daniélou: «A esperança não é o otimismo. O otimismo é aquela atitude fácil em virtude da qual nós pensamos que as coisas acabarão sempre por se resolver sozinhas. Numa forma mais reflexa, este considera o mal como uma simples desordem que se eliminará por si [...]. Anulando assim a tragicidade do mal, o otimismo é o pior inimigo da esperança».¹⁹

Aquele que vive uma esperança, pelo contrário, capta a fundo o drama da vida, do sacrifício, e atravessa-o, mas não devido ao seu esforço, e sim a qualquer coisa que existe, viva, presente, fora de si. «Por isso é preciso viver a dor na presença de Deus. Então, o sofrimento não é eliminado, mas perdeu o seu veneno. Já não envenena a alma mas, pelo contrário, purifica-a. Já não é mensageira de angústia, mas de paz».²⁰

Para podermos perceber melhor, vamos ouvir o contributo de uma de vocês: «Nos últimos três anos, afastei-me, pensava eu que definitivamente, da Igreja e de CL, também influenciada pelas novas companhias com quem andava. A minha casa, nestes anos, transformou-se num bar onde eu passava o dia inteiro e onde só se falava de coisa nenhuma. Apesar disso, eu era muito despreocupada e sentia-me feliz. Quando começou a pandemia, longe das distrações, fiquei mesmo mal. [...] Senti-me triste. Aquele desconforto permitiu-me perguntar o que queria de diferente da vida e de mim (aprofundar a natureza do sujeito, era o que eu queria dizer). Foi como retomar a parte mais profunda de mim, que me era desconhecida há algum tempo. A partir desse momento em diante, uma série de acontecimentos foram como que um chamamento para mim. O primeiro deles foi uma quarantena passada junto ao mar com algumas amigas do Movimento com quem não falava há algum tempo. Foi inevitável para mim confrontar aquilo que estava a viver ali, junto ao mar, aquele tipo de amizade e aquela maneira de passar o tempo com a forma como eu tinha vivido os últimos anos. Vi com os meus olhos, pela primeira vez, a encarnação em pessoas próximas de mim do rosto bonito da Igreja e do Movimento. Todas as minhas convicções e tudo o que me tinha feito feliz nos anos anteriores se tinha tornado insignificante. Tinha acontecido uma coisa tão grande que ainda hoje não me arrisco a explicar e que, portanto, não pode depender totalmente de mim. Aquilo que aconteceu deu significado à dor e conseqüentemente, às perguntas que eu me tinha feito nos meses anteriores. Esta descoberta de que dependia de alguém não me fez sentir menos completa, menos inteira, aliás fez, isso sim, com que descobrisse em mim, pela primeira vez na minha vida, uma unidade, uma completude».

É incrível e revolucionário poder viver a nossa vida com a audácia descrita por esta amiga: uma pessoa faz todas as tentativas, sente desconforto, deixa-se retomar, erra, apercebe-se novamente do seu desejo de felicidade, segue os rastros de resposta que vê, até se dar conta »

¹⁷ Jo 18,36-37.

¹⁸ Jo 19,11.

¹⁹ J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, Morcelliana, Brescia 2012, p. 370

²⁰ H. de Lubac, *Paradossi e nuovi paradossi*, Jaca Book, Milão 1989, p. 94.

» duma realidade viva, que não é ela que constrói, que não é um produto seu, mas que se ela acolher, se decidir estar em relação com ela, se permanecer nela (como dizia Jesus aos discípulos) a faz sentir-se mais completa, mais ela mesma. Este testemunho ajuda-nos a perceber também o que é o «carisma»: «A modalidade de tempo, de espaço, de carácter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva e intelectual com a qual o Senhor Se torna acontecimento para mim e, da mesma forma, também para os outros»,²¹ dizia a Escola de Comunidade sobre a qual trabalhamos. Como a nossa amiga, que vê «naquilo que está a acontecer ali, junto ao mar, naquele tipo de amizade e naqueles rostos, naquela forma de passar o tempo» toda a “diferença de potencial” em relação à forma como tinha vivido nos últimos anos.

4. «Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito» (Lc 23,46)

Escreve uma de vocês: «Estava a reler a carta de convite para o Tríduo e detive-me na pergunta “mas por que é que eu existo?” E pensei: mas o que sei eu do motivo pelo qual existo? Talvez por mim nunca me tivesse feito, pelo menos não assim, bolas! Porém, não pude deixar de observar: “eu estou aqui, ainda assim”. Estou aqui, ainda assim! E então pensei que se só vivo a minha vida assim tão pequenininha por mim, creio que continua pequena, mas se a viver por quem ma deu, talvez se torne em algo mais. E então a pergunta já não é “por que é que eu existo, por que razão eu existo?”, mas antes “para que é que eu existo, com que finalidade? Por quem é que eu existo?”».

A esta pergunta, respondeu também Jesus: «Eu vivo pelo Pai».²²

Porque quando uma pessoa é alcançada por uma esperança, que, de fora, entra nas suas entranhas, no seu coração, o olhar desvia-se do seu umbigo e a pergunta que se agita dentro de si muda: por quem é que eu existo? Hoje, esta manhã, este dia, por quem? Eu não vivo para mim, o meu centro de gravidade não está em mim, mas tudo em mim pende para aquilo que encontrei, para a esperança que veio ao meu encontro. Pensem em começar cada manhã assim, com esta espera (ainda que não tenhamos sempre a sorte de ter uma amiga que canta tão bem *Al mattino*): «O meu coração / hoje / não é mais / do que um batimento de nostalgia»,²³ escreve Ungaretti.

Muitas coisas em mim podem continuar a ser imperfeitas e coxas, eu até posso cair cem vezes ao dia, como talvez aconteça também a nós hoje, porque não seremos poupados à batalha contra o tédio e a distração, mas não se preocupem se se distraírem, antes peçam para poder fazer um momento de silêncio, um momento, ainda que breve, de silêncio no dia, para poderem olhar novamente com comoção para a vossa experiência. Ainda que eu caia muitas vezes, há uma rocha à qual me posso sempre agarrar para me reerguer, sobre a qual posso construir a minha enésima tentativa, à qual posso voltar todas as vezes que me afastar, como a amiga junto ao mar. Jesus viveu esta certeza sólida na sua relação com o Pai, de quem veio, por quem viveu e a quem entregou toda a sua vida até ao último suspiro. Que aventura fantástica viver assim! Não como os cães ou as máquinas, mas cheios desta consciência de sermos continuamente desejados e retomados por alguém que nos ama. Nenhuma realidade, amigos, nos é hostil; tudo pode ser vivido plenamente, cada alegria pode transbordar cem vezes mais, cada sacrifício pode ser enfrentado (ainda que não nos agrade, e digamos que não nos agrada) e cada dor pode ser oferecida, como quando em pequenos nos atirávamos para os braços da nossa mãe, desarmados: tenho esta pergunta, não percebo esta coisa, ou tenho este tesouro precioso na minha vida (a minha namorada, os meus amigos que são a coisa mais preciosa que tenho), tenho esta dor, sou chamado a este sacrifício que não queria, mas ofereço-o a Ti, porque posso oferecer-Te tudo, porque sei que Tu me queres bem e abraças tudo de mim, por isso ajuda-me a carregá-lo. »

²¹ L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 117.

²² Jo 6,57.

²³ G. Ungaretti, «Oggi» in Id., *Poesie e prose liriche. 1915-1920*, Mondadori, Milão 1989, p. 40.

» Rapazes, isto é uma coisa tremendamente ao nosso alcance!

Ouçam o que conta uma outra rapariga: «Há pouco tempo, comecei a fazer parte dos Liceus, um grupo onde me foi dada a oportunidade de refletir sobre as coisinhas de todos os dias, que muitas vezes cometemos o erro de ignorar. Com o tempo, dei-me conta da superficialidade que tornava monótona a minha vida, e também graças à unidade que encontrei nos colegas de Escola de Comunidade, que em cada encontro me tornam cada vez mais consciente de não estar sozinha nos meus “tormentos” com o que contam e com as suas experiências, dou-me conta de que começo a apreciar mais as pessoas à minha volta e – atenção ao que ela acrescenta –, atrevo-me a dizer, a apreciar-me também a mim. Por isso, num certo sentido, estou “grata” à pandemia por me ter aberto este novo mundo (a circunstância já não é venenosa); em todo o caso, espero que acabe depressa para poder participar presencialmente e poder conhecer melhor todas as pessoas deste grupo». Isto significa sermos humanos, rapaziada! Claro que seria muito mais bonito vermo-nos todos os dias presencialmente, mas podemos viver como protagonistas o presente desde já, usando este nosso desejo e esta nossa espera para “ver” onde é que está a acontecer alguma coisa.

Alguém – estamos a chegar ao fim – poderia ainda dizer: «Que bem Jesus, que bem os meus amigos certos das suas vidas, que bem a ingénua simplicidade desta rapariga (“acabou de chegar” – podíamos comentar com cinismo –), mas eu não sou como eles, e depois a vida muda, e depois experimentamos a aridez dum punhado de areia na boca». Estes pensamentos podem passar-nos pela cabeça, sobretudo se estivermos a passar por um momento difícil, quase que desejando dar imediatamente um passo atrás diante desta possibilidade de caminho. Mas não nos podemos esquecer – amigos – que a nossa esperança, a nossa força, não está em saber fazer «como» Jesus, mas «é» Jesus! Os discípulos, Nossa Senhora, o centurião que vê Jesus morrer sobre a cruz, não tinham a preocupação de imitar Jesus, de fazer como Ele, não lhes teria nunca passado isso pela cabeça, porque era impossível e porque não lhes interessava imitar Jesus: eles queriam estar com Ele! Eles podiam reconhecer facilmente a força, a plenitude, a vivacidade, o olhar profundamente humano que d’Ele emanava. Tinham apenas de o acolher, sem medidas, sem filtros, deixando-se alcançar por Ele. Como nos faz perceber ainda outra amiga: «Decisivos são os amigos que me colocam sempre numa posição verdadeira diante das coisas, diante daquilo que acontece. Graças aos quais eu posso também não ter medo em relação aos dias de ensino à distância que nos esperam, não porque não haja dificuldades e tristeza, mas porque reconheço que nestes meses nunca fui deixada sozinha, nem pelos meus amigos, nem pelos meus professores, nem pelos amigos mais velhos». E conclui, ouçam bem: «A minha esperança baseia-se na certeza destes rostos que têm nomes e apelidos claros e que eu tenho bem na cabeça, de quem recebo um amor gratuito e em última instância inexplicável para mim, e é só graças à certeza destas relações que eu sou capaz de estar diante de tudo de mim e de tudo aquilo que acontece».

Esta certeza que para nós é um lento caminho, como o da semente que pede para florir, em Jesus era uma nota dominante, quotidiana, tão nítida e também tão cheia de ternura para com a nossa incerteza que não o fizeram recuar nem um passo diante do medo mais extremo, o medo da cruz, a fim de dar testemunho da Verdade da vida e de voltar a colocá-la diante de nós. «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem. [...] Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito».²⁴

Vamos levantar-nos e ouvir em silêncio o canto.

*Dulcis Christe*²⁵

²⁴ Cf. Lc 23,34.46.

²⁵ M. Grancini, séc. XVII, «Dulcis Christe», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 58-59.